

As manifestações artístico-literárias em narrativas de preocupação social na Amazônia paraense propostas por Dalcídio Jurandir

Regina Barbosa da Costa¹

Introdução

A preocupação com as questões sociais sempre foi destaque na literatura da Amazônia. Neste sentido, um time de escritores, oriundos ou não da Amazônia, produziu textos que trataram sobre problemas pontuais da região. Dos escritores paraenses que se debruçaram especificamente sobre assuntos que interferem no desenvolvimento saudável da região, merece destaque o paraense Dalcídio Jurandir².

A arte do escritor, apontada neste artigo, consta nos dez livros que compõem o ciclo do Extremo Norte (1941 a 1978): *Chove nos campos de Cachoeira*, (1941), livro premiado em concurso de abrangência nacional; *Marajó* (1948), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978), além de *Linha do parque* (1959), que não pertence ao Extremo Norte.

Dalcídio Jurandir contribuiu com seus textos literários e jornalísticos quando abordou, ostensivamente, assuntos relacionados a questões sociais e específicas que afetam a Amazônia paraense e o Brasil, tais como a saúde, a fome, as doenças, a cultura, o analfabetismo entre outros.

O escritor ficcionalizou essas questões polêmicas, que são atemporais e que nunca saem de pauta na esfera política, por tocarem de maneira contundente no bem-estar da população com menor poder aquisitivo, e assim destacou na sua narrativa a importância do saneamento básicos nas cidades, especialmente nas áreas periféricas. Ele discute, por meio dos personagens do texto de 1963, que a inexistência de uma política governamental voltada para os mais necessitados pode ocasionar mortes e gerar muitos atropelos.

Dos livros produzidos no ciclo do Extremo Norte, daremos destaque, neste trabalho, ao livro *Passagem dos Inocentes* (1963) em que a preocupação social é mesclada com a arte literária, visto que mostra, conforme já adiantamos acima, o compasso entre literatura e a situação sanitária na periferia da cidade de Belém do Pará nos primeiros anos do século XX.

De Belém do Grão-Pará e *Passagem dos Inocentes*

¹ Doutora em Estudos Literários pela UFPA

² Dalcídio Jurandir, que nasceu no município de Ponta de Pedras (PA) em 1909 e morreu no Rio de Janeiro (RJ) em 1979.

Alfredo, personagem central do ciclo jurandiano, figura em nove livros, exceção ao segundo livro, Marajó. O personagem saiu de Cachoeira do Arari, cidade que fica localizada na ilha do Marajó, para estudar em Belém, capital do Pará. No primeiro ano de estudos, conforme narrativa no livro Belém do Grão-Pará, o estudante ficou hospedado na casa dos Alcântaras, uma família decadente que gostava de aparentar riqueza. Para isso, eles se mudam para uma casa em ruínas que se localizava numa bela rua na área central de Belém. Os Alcântaras se tornam expectadores do desabamento da casa em que residiam e lamentam ao ver o piano, único bem material da família, ir parar no meio da rua.

O livro que sucede Belém do Grão-Pará é Passagem dos inocentes (1963), quinto livro do ciclo e o quarto livro que narra a saga de Alfredo em busca de um estudo de melhor qualidade. Neste sentido, o personagem ainda é estudante da escola Barão do Rio Branco que fica em uma área urbanizada da cidade. No entanto, para este segundo ano escolar, na capital, passará a morar em outra residência, na Passagem dos Inocentes, localizada na periferia de Belém, onde terá contato com um elenco de pessoas e grandes dificuldades, comuns aos habitantes de uma área sem infraestrutura.

No livro de 1963 a ação narrativa vai deslocar-se para a área periférica da capital do Pará, no tempo da narrativa. Vale ressaltar que em Passagem dos Inocentes teremos duas focalizações de personagem: uma do estudante Alfredo e outra de D. Cecé ou D. Celeste, sobrinha do pai de Alfredo e proprietária do casebre que hospedará o estudante na capital. No entanto, vamos dar ênfase aos fatos que volteiam o estudante Alfredo na Passagem dos Inocentes, visto que este experimenta seu segundo ano na capital do estado do Pará.

D. Cecé, no romance de 1963, é casada com o senhor Antonino Emiliano e tem um filho muito travesso, de nome Belerofonte. Quando a personagem está em Muaná, município que fica na ilha do Marajó, apregoa que mora em Belém na passagem McDonald, para ostentar riqueza, visto que o nome McDonald indica pompa e ostentação. No entanto, ela reside numa casinha humilde na Passagem dos Inocentes, que é uma via que foge aos padrões de urbanidade. No texto é informado que a passagem não possui saneamento básico, não tem iluminação, em contrapartida tem muita lama, muito mato, grande quantidade de lixo e moscas, além de muitas mortes.

Sobre o romance Passagem dos Inocentes, Maia (2017) explica que Dalcídio Jurandir fazia parte da multidão que constituía as “passagens” ou “covões” e que “estas [pessoas] eram

os Inocentes, inocentes em relação ao “fausto” lemista³ e a “decadência” laurista⁴ e das consequências destes dois tempos”, conforme veremos a seguir.

Nos livros anteriores ao de 1963, Dalcídio Jurandir mostra, cronologicamente, o crescimento de Alfredo e as mudanças sociais que ocorriam com ele e no país. É importante salientar que o livro publicado em 1963, remete a década de 20. Desta forma, Dalcídio se desloca para narrar fatos ocorridos muito antes do romance. Ficamos sabendo do período narrado pela denúncia, no romance, de uma crise sanitária de grandes proporções. De fato, ocorreu em Belém do Pará uma crise sanitária que foi amplamente noticiado em jornais da época.

As novas configurações de um país e as discrepâncias sociais na Amazônia paraense

A provocação em mostrar nos romances os contrastes sociais existentes na cidade de Belém fica claro quando comparamos o romance anterior, Belém do grão Pará, com o Passagem dos Inocentes. No primeiro, é apresentada uma Belém com ares urbanos: praças, teatro, cinema etc.; no segundo, vemos uma Belém periférica: mato, lama, lixo, entre outras mazelas. Enfim, uma cidade com dois espaços completamente diferentes para a condução de seu objetivo literário/social.

Para entender essa discrepância na cidade de Belém e as mudanças que ocorreram no período que compreende o final do século XIX para o início do XX, descrita nos dois romances de Jurandir, é preciso retroceder no tempo e compreender dois pontos da história que marcam **significativamente a cidade de Belém**: O advento da República no Brasil que assinala um período de modificações das paisagens urbanas e de preocupações com a saúde e a higiene da população. O estado do Pará também vai experimentar esse momento republicano de forma intensa, em que um dos setores atingidos é o da saúde.

A Proclamação da República marca o início de uma política setorial, além de outras políticas saudáveis que irão intervir na área da saúde, com a promulgação da primeira Constituição Republicana (1891), que ocasiona algumas mudanças que irão interferir na área de saúde, dentre elas, inicia o processo de desagregação entre Igreja e estado. (ARIAS; COSTA, 2020, p. 14)

³ O termo “lemista” faz referência ao intendente de Belém do Pará chamado Antônio José de Lemos, que governou Belém de 1897 a 1911.

⁴ O termo “laurista” faz referência ao governador do estado do Pará no período de 1891 a 1897 (primeiro mandato) e 1917 a 1921 (segundo mandato).

A desagregação entre Igreja e Estado foi um passo importante para reestruturar a saúde no Brasil. Isto porque a saúde da população pobre no Brasil imperial era assistida pelas Instituições religiosas católicas, com base na caridade e filantropia, desta forma a Santa Casa de Misericórdia representava a única opção para os menos favorecidos financeiramente.

Um magnífico momento econômico conhecido como Ciclo da Borracha ocorreu na Região Norte e atingiu seu ápice no período de 1870 a 1910. Vale salientar que a exportação da borracha teve início em 1827, mas se intensificou nos anos finais do século XIX.

De 1870 a 1910, considera-se o maior surto econômico já verificado na região, tendo-se como principal indicador o crescente aumento da produção da borracha. [...] A mão de obra necessária ao atendimento dessa nova atividade [extrativista] que se impõe na região vai ser solucionada via migração interna, tornando-se o Nordeste o principal fornecedor de força de trabalho para a economia gomífera, sobretudo a partir de 1877, quando a seca dos sertões cearenses forçou a saída de milhares de nordestinos. (SARGES, 2010, p. 91 – 97)

O comércio da borracha impulsionou a criação de núcleos agrícolas em várias cidades do estado, aumentando consideravelmente o número de pessoas circulando na região Norte e que, efetivamente, iriam precisar de serviços de saúde, moradia e alimentação.

Nesse sentido, nos anos em que a economia gomífera prosperava no estado do Pará aliado ao advento da República, que dava certa liberdade para execução de obras, Belém era considerada uma segunda Paris, na visão de alguns. Nessa época, era intendente de Belém o senhor Antônio Lemos, que governou de 1897 a 1911, conforme referimos anteriormente. No governo Lemos, a metrópole do Pará se modernizava, por conta do grande volume de recursos financeiros que circulou em Belém. No entanto, essas modificações estruturais aconteceram nas áreas centrais da cidade, restando pouco para a periferia. Ainda assim, no entorno do centro, nascia outra Belém, que era totalmente desassistida e com uma população migrante de outros estados e da zona rural do estado do Pará.

Segundo Vieira, 2016, os jornais noticiavam o nascimento de novas áreas populacionais, neste sentido, o jornal Folha do Norte informou que:

Um artigo publicado no jornal Folha do Norte, e assinado com as iniciais I.T, informava que na cidade de Belém, existia um novo bairro que começava “por trás do Arsenal da Marinha” e era formada pelas “travessas de Breves, Monte Alegre, Bom Jardim e outras vias que a cortam”. Segundo o articulista, as classes menos favorecidas formaram este lugar, já que “fogem do centro da cidade, onde o aluguel das casas é excessivo”. Durante o verão o bairro era pitoresco, mas no inverno “é de trânsito difícil, devido à lama escorregadia e atoladora, ou as depressões em que as águas pluviais ficam estacionadas”. Segundo I.T, os moradores do local estavam cansados de pedir melhoramentos, como a extensão da “minúscula linha de bonde

do Bagé até ali”, o fornecimento de luz e que fossem “atiradas algumas carradas de terra e de pedra para melhorar o trânsito”⁵ (VIEIRA, p. 31, 2016)

Na década de 20, era pós Lemos, a realidade se mostrava totalmente adversa, haja vista que a situação econômica no estado do Pará tinha mudado. Os bons tempos deixados durante o apogeu da borracha tinham acabado e só restaram os destroços e as lembranças desse período, como recordam alguns personagens em *Passagem dos Inocentes*.

A crise na cidade se acirrou, as áreas periféricas sofriam com a falta de saneamento e o socorro aos doentes, gerando um grito uníssono que é ouvido por Jurandir que faz retornar ao povo em forma de arte literária no livro *Passagem dos Inocentes*. Nele, é descrita uma grande revolta dos personagens por conta do número de mortes na passagem. Visto que uma grave moléstia estava vitimando crianças. Os médicos desconheciam a doença e para descobrir a causa realizavam conferências para entendê-la.

Diziam os personagens da *Passagem dos Inocentes*:

Aí pros lados da Pedreira, Humaitá ou Lomas Valentinas, já tem havido demais anjo. O lixo se acumula na cidade. As carroças da Limpeza Pública pararam. As moscas baixam. Os anjos sobem. E eu que me apelido de Herodes! Em vez de lixo, as carroças vão carregar curumim⁶ para o Santa Isabel⁷. E entre as crianças condenadas, está o filho de Deus? (JURANDIR, 1963, p. 91).

O estado caótico das ruas periféricas mostra a situação em que se encontrava aquelas pessoas que só contabilizavam mortes.

Revoltas, manifestações e mortes

A revolta estava estabelecida na cidade de Belém, os personagens se manifestam coletivamente e o escritor também faz seu pronunciamento via texto, grafando as palavras em maiúsculas para melhor chamar atenção:

CHEGA DE TANTO MORRER CRIANÇA!
CAVALOS PARA AS CARROÇAS DA LIMPEZA!
MANDEM CHAMAR AS BESTAS DO FARAÓ
ATRELEM OS DOUTORES!
CHAMEM UM SÁBIO DA ALEMANHA PARA SABER QUE DOENÇA É.
O NOSSO IMPOSTO NÃO PAGA? (JURANDIR, 1963, p. 203).

⁵ Jornal Folha do norte, 15 de março de 1921, p.1

⁶ A palavra curumim significa o garoto/criança.

⁷ Santa Isabel é o nome do cemitério que na época ficava bem afastado do centro.

O período focalizado no livro, alinha-se ao período da administração do médico Antonino Emiliano de Sousa Castro, que governou o estado do Pará de 1921 a 1925. No entanto, quase nada pode executar em seu mandato a não ser implantar e implementar os serviços que já estavam ordenados pelo ex-dirigente do Estado, o governador Lauro Sodré. Segundo Castro, o governador assumiu o governo do Pará com os recursos já comprometidos:

Herdeiro de dívidas imensas, sem crédito e com arrecadação atingindo os mais baixos índices. Atraso no pagamento do funcionalismo, fornecedores e dívidas internas e externas. Enfim, situação que já se vinha arrastando de governos anteriores. Diante da crise financeira, Souza Castro reduziu o quadro de servidores públicos civis e militares, e recorreu ao arrendamento pela união da estrada de ferro de Bragança. Porém sem muito sucesso, pois a renda da estrada estava gravada como garantia de empréstimo externo e aos seus banqueiros Seligman Brothers, de Londres. (CASTRO, 2002, p. 244)

Durante seu mandato nomeou cinco intendentes: Antônio José Ó de Almeida (01/02/1921 a 13/10/1921); Cipriano José dos Santos (13/10/1921 a 25/01/1922); Sabino Silva (25/01/1922 a 05/03/1923); José Olímpio Barroso Rebêllo (05/03/1923 a 04/01/1924); Manoel Waldomiro Rodrigues dos Santos (04/01/1924 a 10/05/1926), mas que não puderam alavancar na administração da cidade, devido às graves questões econômicas.

Dos cinco intendentes que administraram Belém durante o governo de Sousa Castro não consta no rol o Intendente Tiago que aparece na ficção jurandiana e que é responsabilizado pelo ocorrido:

Seu Lício queria arrancar pelo pedestal a estátua da República, pelo povo carregada para por abaixo as portas do Palácio. Desceu, arquejando. E foi então que uma mulherzinha, ar de lavadeira, o rosto tintinguento, apossou-se do degrau:

— Já se deu um nome, já foi batizada a moléstia, O Intendente não é o dr. Tiago? Pois já se vem chamando em toda a cidade, lá no mercado, São Brás, na torneira, no terreiro do Chico na Pedreira, lá em Canudos, onde lavamos, no taberneiro... Batizou-se. É a tiaguite.

E foi geral, pegou fogo: Tempestuou em riso e vaia: Tiaguite! Tiaguite! Tiaguite! A peste nas crianças verdes. Em honra do sr. Intendente, que o dr. Tiago tenha a honra! Não dispensou os serviços da Cremação? O lixo não é pra estrumar a rua? Administrar é criar mosca? Tenha a glória de dar o seu nome! Tiaguite! (JURANDIR, 1963, p. 108 - 109).

Além do Intendente Tiago que figura na ficção de Jurandir, mas na realidade não faz parte da composição administrativa da época, desponta o personagem Antonino Emiliano, marido de D. Cecé, que, coincidentemente, tem o mesmo nome do governador Antonino Emiliano de Sousa Castro. As ações do personagem Antonino são ineficazes, visto que não consegue estabelecer boa relação nem com a mulher e nem com o filho. O pensamento que

circulava na época era de que os governantes eram ineficazes, posto que não conseguiam resolver os problemas de Belém.

Nesta ordem de insatisfação, os moradores da passagem começam a comparar os ambientes de Belém e o estabelecimento de local feito para ricos e para pobres, além das discussões sobre questões políticas.

Na passagem do Inocentes os moradores se irritam com tanto descaso: “[m]ontões de lixo na cidade. Menos nas ruas dos ricos, nos tapetes, nos salões. Lá nos lindos berços não tem anjo” (JURANDIR, p. 203). O levante dos moradores era por causa da quantidade de lixo, moscas e a morte de muitas crianças. Argumentavam que “se o lixo acumula na cidade, assim também os títulos de doutor. Varrer primeiro o lixo das ciências e do governo. As podridões da cidade começam dentro do Palácio e nas casas limpas envernizadas. (JURANDIR, 1963, p. 178).

Além da crise sanitária existente na Belém dos Inocentes, também existia uma crise política denunciada pelo personagem Marrocos, visto que a Passagem foi monitorada pela cavalaria da polícia, com o objetivo de encontrar livros que não estivessem de acordo com o pensamento dos políticos da época. Os livros encontrados eram jogados no forno da Cremação, local em que era incinerado o lixo recolhido da cidade de Belém. Esta informação é obtida pelo personagem Marrocos, que faz críticas a episódios desta natureza.

— ... e voltei com uma porção de livros no baú que a polícia me tomou e jogou no forno da Cremação.

— ... para livro tem sempre fogo na Cremação.
(JURANDIR, 1963, p. 212 - 213).

Atualmente Cremação é um bairro de Belém onde estava instalado o forno crematório, existe hoje uma praça denominada de Dalcídio Jurandir.

Ainda sobre as questões políticas e sociais discutidas na obra, um dado que merece destaque na narrativa: a conversa entre os personagens Lício e Alfredo com a presença marcante do narrador questionando sobre a palavra Capital.

O Capital? Mais mistérios aqui que os da D. Celeste. O Capital? Nunca ouviu do pai no chalé definição de semelhante palavra assim disparada pelo seu Lício, um monstro Herodes? Das crianças morrerem, a culpa do Capital? Seu Lício não explicava. Só brandia sua valentia (JURANDIR, 1963, p. 207).

Esse episódio, possivelmente, é uma referência ao conjunto de livros que constituem O Capital (1867), do alemão Karl Marx, nos quais aborda os aspectos da produção capitalista e é uma chamada de atenção visto que apenas em um parágrafo, a palavra “capital” é ostensivamente pronunciada, o que demonstra que ela não foi colocada ao acaso. Isso traz a

significação da crítica à economia política da época colocando à tona as novas discussões que estavam em pauta, até porque os debates giravam em torno da revolta pelas mortes de crianças na cidade de Belém, o que alinha a relação entre poder público e sociedade.

Por fim, a revolta domina as ruas “onda de faixas, melhor salário, removam o lixo, salvem as crianças.” (JURANDIR, 1963, p. 204). E culmina no cemitério de Santa Isabel:

NÓS, OS COVEIROS DE SANTA ISABEL SUSPENDAMOS O TRABALHO!
QUEREMOS PAGAMENTO E CHEGA DE MORRER TANTA CRIANÇA.
“OU ACABA A CHIBATA OU SE BOMBARDEIA A CIDADE!” (JURANDIR, 1963, p. 106).

Assim, Alfredo deixa a casa de D. Cecé e a Passagem dos Inocentes e empreende nova viagem, onde se depara com nova passagem, desta feita o personagem se vê em uma nova passagem, a passagem de menino para adulto.

Considerações finais

A preocupação com as questões sociais é destaque na literatura da Amazônia Paraense de Dalcídio Jurandir. O escritor paraense se junta ao grupo de escritores que se debruçaram especificamente sobre assuntos que interferem no desenvolvimento saudável da região e que discorrem sobre alguns problemas comuns que afetam a Amazônia paraense, tais como fome, doenças, saneamento, analfabetismo entre outros, discutidos em Furtado, 2010.

No texto, verificamos que em *Passagem dos Inocentes* (1963), Dalcídio Jurandir faz um recorte sobre a situação sanitária em Belém do Pará nos primeiros anos do século XX e que ainda hoje é um grande problema social na região metropolitana de Belém. No estudo, informamos que a preocupação social é matizada com a arte literária jurandiana e mostra o compasso entre literatura e a situação sanitária da periferia da cidade de Belém do Pará.

A problema sanitário é exposto e denunciado pelos personagens que por vezes assumem a denominação de personalidade real, como o nome do governador do estado do Pará, Antonino Emiliano de Sousa Castro, que denomina o marido de D. Cecé ou a presença de um intendente que figura com o nome fictício na narrativa.

No texto jurandiano ainda são discutidas as questões políticas que são dispostas de maneira sutil, de forma a despistar o leitor, haja vista que o escritor escreveu entre duas ditaduras brasileiras, a do Estado Novo (1937 – 1945) e a do Regime Militar (1964 – 1985). O

escritor Dalcídio Jurandir conseguiu falar e debater, em seus escritos, aquilo que era necessário divulgar para a sociedade da Amazônia Paraense.

Assim, o presente estudo mostrou a proposta do escritor Dalcídio Jurandir no sentido de apontar e discutir, no formato literário, as mazelas da realidade social em Belém do Pará, na década de 20. Evidenciou a questão do saneamento na capital da Amazonia paraense, que interferiu diretamente na saúde da população pobre das zonas periféricas e ocasionou mortes de inocentes. A palavra “inocente”, visualizada a partir da capa do livro e do contexto da narrativa, ganhou significações e sentidos que foram além das dicionarizadas. Enfim, com as focalizações realçadas na literatura pelo escritor e os vários sentidos que elas ganham é que percebemos a arte do escritor paraense.

REFERÊNCIAS

ARIAS, José Raimundo Silva; COSTA, Regina Barbosa da. **As Políticas de Saúde do Pará na Primeira República**. Belém (Pará): IOEPA, 2020.

CASTRO, Ribamar (org.). **Atos dos Governadores - volume 1: 1891 a 1930** (Edição comemorativa dos 111 anos do Diário Oficial do Estado). Belém: Imprensa oficial, 2002.

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. 2. ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2001.

JURANDIR, Dalcídio. **Passagem dos Inocentes**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

MAIA, Maíra oliveira. **Para além da decadência** – a aristocracia do pé no chão na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2017.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2010.

VIEIRA, Elis Regina Corrêa. **Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917-1924)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016.